

“Maurício Nogueira Lima”

VIEIRA, José Geraldo. Folha de São Paulo, 1965.03.21.

Interessante, do ponto de vista de comportamento e atitude pragmática, é o caso de Maurício Nogueira Lima (que ora está expondo na Galeria Móbilinea). Sempre que, desde 1956, se apresentou sozinho ou com outros em exposições essencialmente gráficas ou plásticas, fez questão absoluta de apresentar trabalhos de disciplina concreta: trabalhos que traíam logo o arquiteto especializado em efeitos de comunicação visual tanto pelo preparo das telas como pelo jogo semiótico e semântico de trigonometria ali pintada. Mas, paradoxalmente, a primeira vez que se apresentou (em 64) não numa galeria, ou numa Bienal de acervos profanos, avulsos e onimodos, e sim no IAB numa coletiva especificamente de "arquitetos pintores" rompeu aquela sua tradição ortodoxa apresentando telas tão avançadas e heterogêneas que podíamos classificar a sua arte já então tanto como pós dadaísmo como "pop art" etc.

Eu próprio, tratando àquela altura (em outubro de 64) da sua contribuição numa coletiva de arquitetos, registrei essa modificação quase radical. Acontece que MNL não evoluía para a "linha de montagem" concretista Nova Tendência dos grupos internacionais de "Recherches Visuels" ou do "Laboratoire des Arts" que trabalham com piexiglass, iluminação, som, efeitos de "trompe oiel" etc. Mas que optava de modo categórico para a paisagem urbana e, como os arquitetos Caron, Ferro e Szpigel, impregnava as suas superfícies cromáticas, difusas com incrustações verbais e colagens, enchendo de alto a baixo o suporte quase paisagístico com letras, fonemas, palavras, textos, contextos, trocadilhos. De tal modo que se dirá que suas telas são já agora testemunhos - cartazes do transito urbano, com avisos políglotas

tais como "Pare", "Stop" e respectivos sintagmas joycianos. "Top", "ESTUPOR", "TOPEIRA" etc.

Agora, na atual exposição, nos damos conta de que o antigo concretista severo humanizou, universalizou a sua arte. Vale-se, de fato, das lições propedêuticas da antiga disciplina trigonométrica de Ulm, para organizar as superfícies e os segmentos, mas por sobre toda essa base e às vezes pairando numa espécie de atmosfera, lança, distribui, afixa e crava palavras, signos, logotipos e ícones, obtendo soluções reais e poéticas. E isso de maneira a podermos filar a sua atual maneira plástica e pragmática aos trabalhos literários objetivos de poetas como Willy Correia de Oliveira e Ronaldo Azeredo, e até mesmo aos videogramas de Augusto de Campos. Só que tais experiências, surpresas e soluções se acham esparsas nas telas como as "palavras - ocorrências" nos andaimes. Temos que louvar esse "approach" dum intelectual com a didascalía urbana.

